

# Incubadora de Empresas

INSTRUMENTO DE INOVAÇÃO E MUDANÇA CULTURAL

Paulo Euler T. Pires

No tempo do Cinema Novo, nos anos 60, a frase do cineasta Gláuber Rocha “uma câmera na mão e uma idéia na cabeça” dava a exata medida do que se julgava ser suficiente para “fazer” um filme.

O resto, a genialidade do diretor seria capaz de resolver. Fossem problemas de produção, financiamento, seleção de atores ou comercialização. Improvisar era a palavra de ordem, numa exaltação ao amadorismo e glorificação do “jeitinho”.

É bem verdade que, do ponto de vista empresarial, a proposta “fazer um

filme” acabava se consumando e alguns até conseguiram sucesso de crítica e de público, ga-

nharam prêmios e se firmaram como paradigmas do novo cinema brasileiro.

Hoje, os pequenos e médios investidores já sabem que não é só com boas idéias que se constrói um sonho. São necessários, além de dinheiro e disposição, conhecimentos técnicos, econômicos e uma ampla visão de mercado para se ter êxito em algum empreendimento.

É nessa hora que o pequeno empresário tem que pensar como um grande investidor, pois a globalização acirrou a competição entre empresas, e hoje só sobrevive quem está atualizado e se prepara para enfrentar com criatividade as oscilações do mercado.

Mas a primeira dificuldade que os futuros pequenos empresários encontram é, justamente, a falta de orientação para atingir seus objetivos. De pouco adiantam programas e incentivos governamentais para inovação, se não existem mecanismos que os conduzam a projetos de financiamento.

Nesse contexto é que surgiram diversas iniciativas, inclusive, com o propósito de “ensinar o caminho das pedras”.

Entidades como o **Sebrae**-Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas e instituições como universidades, organismos internacionais de fomento, agências de financiamento e fundações passaram a otimizar seus recursos físicos, humanos e materiais desenvolvendo parcerias entre si e com empresários e empreendedores, não apenas para atingir os propósitos já mencionados, mas também para adequar-se aos novos tempos de alta competitividade pelos recursos financeiros disponíveis, fossem eles de origem pública ou privada.

Programas governamentais de qualificação de mão-de-obra, de normatização, de Gestão da Qualidade, Treinamento Gerencial e Escolas de Formação de Empreendedores foram criados em âmbito federal, estadual e municipal, juntamente com projetos de incentivo fiscal e criação de pólos temáticos de desenvolvimento com vistas a atrair empresas e empresários para esses pólos.

O paradigma de todo esse processo foi a criação do Silicon Valley ou Rota 128, na década de 50, localizado entre San Francisco e San Jose, abrangendo 12 cidades da Califórnia-EUA, onde, por iniciativa do então reitor da



Parque tecnológico agroindustrial do oeste

Stanford University, Frederik Lemon, criou-se o que Lemon chamou de Stanford Industrial Park, ao qual foi acrescido o Stanford Research Park..

Nascia o conceito de incubadora de empresas/empresas incubadas, segundo o qual uma instituição oferecia determinadas condições e facilidades que estimulassem a criação e o desenvolvimento de empresas inovadoras de base tecnológica. E foi assim que ali surgiram alguns dos gigantes atuais da informática como a Hewlett Packard, Atari, Varian e Microsoft.

Na década de 70, na França, surge então o Parque Tecnológico de Sophia Antipoles, que foi a instalação, pelo governo francês, de infra-estrutura para um Parque Tecnológico, abrangendo uma área de 2.300 ha.

No Brasil, as primeiras incubadoras surgiram entre os anos de 1984 e 1986, em Florianópolis(SC), São Carlos(SP), Campina Grande(PB) e Brasília(DF). Hoje, segundo dados da Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos de Tecnologias Avançadas – **Anprotec**, já são 32 as incubadoras brasileiras em funcionamento e mais de 15 em planejamento. O Centro de Referência em Tecnologias Inovadoras – Fundação CERTI, já recebeu o título de melhor incubadora do Brasil. Com 10.500 m<sup>2</sup>, engloba também empresas de serviços como restaurante, bancos, correio e outros. A vantagem também é que, findo o contrato entre empresa incubada e incubadora, nada mais é cobrado do pesquisador a título de royalties. Esse item varia de instituição para instituição. Por exemplo, na Bio-Rio, no Rio de Janeiro, que, além de ter o serviço de encaminhamento de patentes ao INPI, não cobra nada a título de royalties, não recebendo porcentagem nenhuma sobre o produto final do pesquisador, e portanto, o vínculo é totalmente desfeito depois que o contrato termina. Na Bio-Rio, além da incubadora, funciona também o parque industrial, que contém lotes industriais urbanizados, em torno de 1.000 m<sup>2</sup> a 5.000 m<sup>2</sup>, para serem alugados e construídos pela empresa. O contrato de aluguel é por 25 anos, renováveis por mais 25 anos. A



**Detalhe da parte interna da incubadora na UnB**  
Foto: Renato Marins

empresa que tem loteamento poderá utilizar serviços e dependências comuns do prédio central. Já a Universidade de Brasília (UnB), cobra 1% do valor do faturamento da empresa, a título de royalties e o empresário tem que informar, mensalmente, esse faturamento à Universidade. Mas agora esse vínculo corresponde apenas ao período em que a empresa esteve incubada, e não mais em regime vitalício, como antes. O Padetec, na Universidade Federal do Ceará, que abriga empresas com significativas conquistas, informa que, hoje, o procedimento varia: sendo o produto desenvolvido e elaborado dentro do Padetec, cabe discutir posteriormente um valor a ser negociado. Atualmente, só duas das dezessete empresas incubadas pagam mensalmente

um valor negociado. Mas, caso o empresário tenha o produto já pronto ou semi-pronto, e apenas quer transformá-lo em um empreendimento comercial, não há nenhum pagamento a ser feito ao Padetec, a não ser o uso de taxas comuns a todos (aluguel de salas, equipamentos, serviços, etc).

### Como funciona

Normalmente, a cada ano, as entidades que mantêm incubadoras divulgam um edital de inscrição e chamada de propostas para o programa de Incubadora de Empresas. Os interessados apresentam, então, um plano de proposta ou projeto, descrevendo os produtos ou serviços que pretendem desenvolver, o mercado existente ou potencial, os custos do seu empreendimento e do seu produto, quais serão os fornecedores e a estimativa de retorno.

O plano ou o projeto é analisado por comissão que julga a proposta segundo sua viabilidade tecnológica, financeira e mercadológica, além da aderência do projeto aos objetivos da incubadora. Uma vez aprovado, o inscrito recebe apoio institucional e de infra-estrutura, começando pelo treinamento gerencial e administrativo. Na Universidade de Brasília, por exemplo, é dado em convênio com o Sebrae. Depois são providenciados documentos e assinado o convênio para dar início às atividades na incubadora.

No Pólo Bio-Rio - Pólo de Biotecnologia do Estado do Rio de Janeiro,

**Incubadora de Empresas da Universidade de Brasília - UnB - que funciona no Campus junto à faculdade de tecnologia**  
Foto: Renato Marins



tanto na Incubadora de Empresas quanto nos lotes industriais, devem ser apresentados projetos de pesquisa e desenvolvimento na área de biotecnologia, os quais são avaliados por uma comissão técnica formada por pesquisadores da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

A empresa incubada conta, normalmente, com consultorias diversas e especializadas e acesso a laboratórios e equipamentos disponíveis nas instituições para o desenvolvimento de seus produtos. Poderá optar por utilizar também o espaço físico para instalação, serviços administrativos, xerox, biblioteca, acesso à internet e demais recursos existentes nas entidades.

Mas nada disso é de graça: todos os serviços são cobrados pelas incubadoras; desde luz, telefone e aluguel de salas, até o uso de equipamentos, etc.

O período de incubação varia, normalmente, de 3 a 7 anos, dependendo da instituição.

Existem várias outras importantes incubadoras em todo o país e, entre elas, podemos citar: o CINET- Centro Incubador de Empresas Tecnológicas, criado em São Paulo em 1985; o CELTA – Centro Empresarial para Laboração de Tecnologias avançadas, criado em 1986 em Santa Catarina; o PaqTc-PB – Fundação Parque Tecnológico da Paraíba, criado em 1988, na Paraíba; o CIETEC – Centro Incubador de Empresas Tecnológicas, em São Paulo-SP, situado na Cidade Uni-



**I-Tec, uma das empresas incubadas na UnB**


versitária, no Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares-IPEN e articulado com a USP, IPT, Sebrae-SP e Secretaria de Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Econômico de São Paulo; o COPPE/UFRJ; a Incubadora Tecnológica da UFPB; e os Parques de Desenvolvimento Tecnológico ligados às universidades do Paraná e Minas Gerais.

O diretor do CDT/UnB – Universidade de Brasília, Luiz Afonso Bermudez, diz que a relação da Universidade-incubadora/empresa incubada, só funciona nas áreas em que a universidade tem competência e esse já é um fator direcionador das propostas de incubação. Ele cita também um outro

fator que considera importante para as empresas incubadas: o prestígio da universidade (incubadora) que se transfere para a incubada.

Um exemplo atual é o da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Embrapa, que conta com 39 unidades em todo o País e se prepara para implantar incubadoras nessas unidades. Para isso, a Embrapa contratou a Fundação CERTI para desenvolver o seu projeto “Transferência de Tecnologia através de Empreendimentos de Tecnologia Agropecuária –TTENTAR”.

Paralelamente às incubadoras, existem programas mantidos por entidades como o Sebrae, que oferecem alternativas para o empresário ou empreendedor que não deseja incubar sua empresa.

Entre eles estão o Empretec, desenvolvido em parceria com o PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento e ABC/MRE – Agência Brasileira de Cooperação do Ministério das Relações Exteriores, o PATME – Programa de Apoio Tecnológico às Micro e Pequenas Empresas. Todos eles com alguma forma de subsídio nos custos e destinados a agregar tecnologia às empresas existentes ou a serem criadas. Outra ferramenta de ajuda é a disponibilização de informações através da Internet, onde o tema Incubadora de Empresas está bastante difundido através de *homepages* à disposição dos interessados. 

### Algumas empresas instaladas no Pólo Bio-Rio:

EMPRESAS	SETOR	LOCAL
Baktron	Kits Diagnóstico, Meios de Cultura e Análises para Controle de Qualidade	Incubadeira
Dalmatia	Cosméticos	Incubadeira
Ecobac	Prod. p/ Biodegradação de Matéria Orgânica usados em Tratamento de Efluentes	Incubadeira
Extracta	Pesquisa e Desenvolvimento de Moléculas Naturais	Incubadeira
Nutriente	Nutrição Enteral, Parenteral e Quimioterapia	Incubadeira
Q-Controll	Softwares para Controle de Processos e para Treinamento	Incubadeira
Silvestre Labs	Medicamentos e Antissépticos	Incubadeira
Trianel	Consultoria na Elaboração de Protocolo e Análise de Dados na Área de Saúde	Incubadeira
Vectron	Kits Diagnóstico	Incubadeira
Vitrogen	Mudas Micropropagadas	Incubadeira
AMBIO	Estações de Tratamento de Efluentes e Equipamento para Purificação de Água	Lotes
Brasco	Produtos Farmacêuticos	Lotes
M&N	Produtos Farmacêuticos	Lotes